

M. NICOLELIS E I. ZIZEK: A QUESTÃO EVOLUCIONÁRIA

M. NICOLELIS AND I. ZIZEK: THE EVOLUTIONARY QUESTION

Ou

UMA HOMENAGEM AOS 40 ANOS DA ANIMAÇÃO TURBO-TEEN (Turboman), DO
ESTÚDIO RUBY-SPEARS PRODUCTIONS - ABC

William de Siqueira Piauí¹

Resumo: Na tentativa de responder à pergunta “O que é então a fantasia em seu sentido mais fundamental?”, feita em seu livro **Como ler Lacan**, de 2006, o filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek (1949-) já havia explicado que: “O que ele”, Donald Romsfeld (1932-2021), “esqueceu de acrescentar foi o quarto termo essencial: ‘os sabidos não sabidos [*unknown knowns*], coisas que não sabemos que sabemos – o que é precisamente o inconsciente freudiano, o ‘saber que não se sabe’ [*knowledge that doesn’t know itself*], como [Jacques] Lacan (1901-1981) costumava dizer, cujo cerne é a fantasia” (p. 52). Afirmação que será retomada em seu livro **Acontecimento**, de 2014 (p. 8-9). Dito desse modo, o que pretendemos com nosso artigo é criar, a partir da menção ao que tematizam alguns filmes, animes etc., uma ambiência que corresponda ao que Žižek chama de “desconhecimentos conhecidos (*Unknown knowns*)” que determinam nosso plano simbólico ou campo social especialmente sobre o que pensamos ser a consciência e o inconsciente. Depois do que passaremos a discutir, muito introdutoriamente claro, um dos argumentos, o evolucionário, elaborado pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis (1961-) como principal resposta em contrário ao que fundamentaria aqueles “desconhecimentos conhecidos”. E concluiremos nosso artigo mencionando a estratégia, que guarda alguma semelhança com a resposta de Nicolelis, também elaborada por Žižek, quem inclusive também chama seu argumento principal de evolucionário. Com esses três movimentos esperamos atingir o centro dos supostos “conhecimentos” que fundamentariam grande parte da literatura especialmente cinematográfica, mas não só, da atualidade e que constitui nosso plano simbólico ou campo social com relação ao que pensamos saber, dentre outros, sobre a consciência e o inconsciente.

Palavras-chave: Žižek, Nicolelis, consciência, inconsciente, animes.

Abstract: In an attempt to answer the question “What, then, is fantasy at its most elementary [sense]?”, posed in his book **How to Read Lacan**, published in 2006, the Slovenian philosopher and psychoanalyst Slavoj Žižek (1949-) had already explained that: “What he,” Donald Romsfeld (1932-2021), “forgot to add was the crucial fourth term: the ‘unknown knowns’, things we don’t know that

¹ Bacharel, mestre e doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo, atualmente é professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (DFL-FS), coordenador adjunto do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF-UFS), líder do grupo GEFILUFS e editor chefe da revista de filosofia “O manguezal”. O presente texto foi lido como palestra no evento “Singularidades 2.0” organizado pelo Departamento de Filosofia e pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, realizado entre os dias 24 e 27 de setembro de 2024. E-mail: piauiusp@gmail.com

we know – which is precisely the Freudian unconscious, the ‘knowledge that doesn’t know itself’, as [Jacques] Lacan (1901-1981) used to say, the core of which is fantasy” (p. 52). This statement will be repeated in his book **Event**, published in 2014 (p. 8-9). In this way, what we intend with our paper is to create, based on the mention of what has been the subject of some films, animes, etc., an environment or atmosphere that corresponds to what Žizek calls “unknown knowns” that determines our symbolic order or plane and the social field, especially regarding what we believe to be consciousness and the unconscious. Next, we will address, in a very introductory way, one of the arguments, the evolutionary one, developed by the Brazilian neuroscientist Miguel Nicolelis (1961-) as the main response against what would justify this “Unknown knowns”. And we will conclude our paper by mentioning the strategy, which has a certain similarity with Nicolelis’ response, also developed by Žizek, who also calls his main argument evolutionary. With these three movements we hope to reach the core of the supposed “knowledge” that would underlie much of literature today, especially cinematography, but not limited to it, and that constitutes our symbolic plane or social field in relation to what we think we know, among others things, about consciousness and the unconscious.

Keywords: Žizek, Nicolelis, consciousness, unconscious, anime.

Considerações iniciais

Em seu livro **Acontecimento**, de 2014, repetindo em parte o que já havia dito em **Como ler Lacan**, de 2006², na tentativa de responder à pergunta “O que é então a fantasia em seu sentido mais fundamental?”, Žizek já havia explicado que:

Em fevereiro [ou março] de 2003, Donald Rumsfeld – então secretário de defesa dos Estados Unidos – envolveu-se num pequeno debate filosófico amador sobre a relação entre o conhecido e o desconhecido [e afirmou]: “Existem ‘conhecimentos conhecidos’; existem coisas que sabemos que sabemos. Existem ‘desconhecidos conhecidos’; ou seja, existem coisas que sabemos que não sabemos. Mas também existem ‘desconhecimentos desconhecidos’ – coisas que não sabemos que não sabemos”. O objetivo desse exercício era justificar o iminente ataque americano ao Iraque [...]. Se Rumsfeld pensava que os maiores perigos no confronto com o Iraque eram os ‘desconhecimentos desconhecidos’, as ameaças de Saddam das quais não podíamos sequer suspeitar, nossa resposta deveria ser que os maiores perigos eram, ao contrário, os ‘conhecimentos desconhecidos [*unknown knowns*]’, as crenças e suposições repudiadas às quais aderimos sem ter a mínima consciência. [...] ‘Conhecimentos desconhecidos’ são o principal tema da filosofia – formam o horizonte transcendental, ou arcabouço, de nossa experiência da realidade. (2017, p. 15)

Dito assim, o que pretendemos com nosso artigo é criar, a partir da menção ao que tematizam alguns filmes, animes etc., uma ambiência que corresponda ao que o filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žizek (1949-) chama de “conhecimentos desconhecidos” que determinam nosso plano ou ordem simbólica, nosso campo social, especialmente sobre o que pensamos ser a consciência e o inconsciente. Depois do que passaremos a discutir, muito

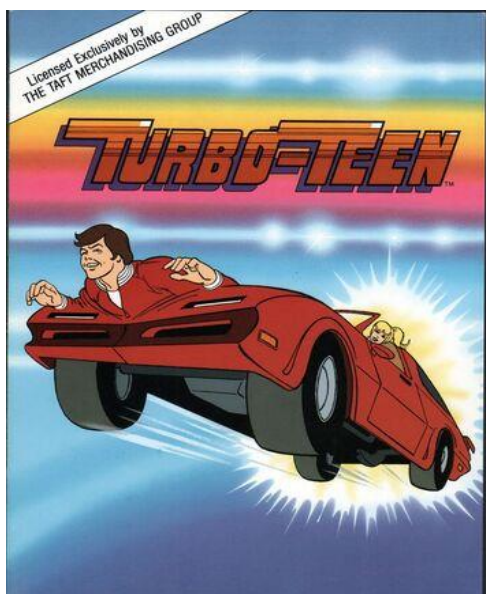
² “O que ele [Donald Rumsfeld] esqueceu de acrescentar foi o quarto termo essencial: ‘os sabidos não sabidos [*unknown knowns*]’, coisas que não sabemos que sabemos – o que é precisamente o inconsciente freudiano, o ‘saber que não se sabe’ [*knowledge that doesn’t know itself*], como Lacan costumava dizer, cujo cerne é a fantasia”. (2010 [**Como ler Lacan**], p. 67).

introdutoriamente claro, um dos argumentos, o evolucionário, elaborado pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis (1961-) como principal resposta em contrário ao que fundamentaria aqueles “conhecimentos desconhecidos”. E concluiremos nosso artigo mencionando a estratégia, que guarda alguma semelhança com a resposta de Nicolelis, também elaborada por Zizek, quem inclusive também chama seu argumento principal de evolucionário. Com esses três movimentos esperamos atingir o centro dos supostos “conhecimentos” que fundamentariam grande parte da literatura especialmente cinematográfica, mas não só, da atualidade e que constitui nossa ordem simbólica ou campo social com relação ao que pensamos saber, dentre outros, sobre a consciência e o inconsciente.

Parte I: conhecimentos desconhecidos a partir de algumas animações e filmes

‘Unknown knowns’ are the privileged topic of philosophy - they form the transcendental horizon, or frame, of our experience of reality.
Zizek³

Claro que muitas distinções podem ser apontadas entre animações ou filmes e, por isso mesmo, teremos de nos concentrar, de um modo muitíssimo introdutório, em umas poucas que consideramos as mais importantes para o que pretendemos sustentar hoje, vejamos...



Entre 1984 e 1985, cerca de 40 anos atrás, a Rede ABC exibiu a série de animação “Turbo-teen” que havia sido produzida pela empresa de animação Ruby Spears (1977-91), cujos integrantes tinham trabalhado nos estúdios Hanna-Barbera (1957-2001); depois, em 1987, a série foi exibida no Brasil pela Rede Bandeirantes de Televisão com o nome Turbo-man. Por que a escolha de tal animação? Como vocês verão, nesse começo falaremos de outras animações e essa será um dos nossos pontos de partida. Trata-se de uma série que, a partir de

³ “Conhecimentos desconhecidos são o principal tema [ou tópico] da filosofia – formam o horizonte transcendental, ou arcabouço [ou estrutura], de nossa experiência da realidade” (2014, [Events. Londres: Penguin Book], p. 09-10). Referência à divisão proposta por Donald Rumsfeld in *Acontecimento* (2017, p. 15), cf. também nota anterior.

uma de suas sinopses:

[...] narra as aventuras de um adolescente [daí *Teen*] denominado Brett Matthews, que [...] [estava dirigindo em uma estrada e por conta de uma tempestade e um acidente iminente se vê obrigado a desviar de uma árvore e, por isso, ao perder o controle do carro atravessa a parede de um laboratório] secreto do governo [Norte Americano]. Lá, ele e o seu carro esporte vermelho [daí *Turbo*] são acidentalmente expostos a um raio [...] [capaz de juntar moléculas de todo o tipo] inventado por um cientista “maluco” [que, no entanto, passa o resto dos episódios tentando reverter sua experiência e] denominado Dr. Chase. O rapaz e a máquina [, o carro vermelho turbo,] ficam fundidos e, por conseguinte, Brett ganha **a capacidade** [, para ele, na maioria das vezes, um destino mais que desagradável,] de se transformar no carro quando exposto ao calor extremo e reverter à sua forma humana quando exposto ao frio extremo. Com **este novo poder**, Brett e os seus amigos, que o chamam “TT”, seguem aventuras em conjunto lutando contra o crime e resolvendo outros mistérios. (Grifo nosso)⁴

Dito isso, poderíamos pensar em compará-la com uma outra animação bem mais recente, por exemplo, a série japonesa polonesa “Cyberpunk: Edgerunners” ou “Cyberpunk:



Mercenários”, como ficou conhecida no Brasil, que foi exibida no canal Netflix a partir do segundo semestre de 2022; ela teve origem em um jogo de videogame, o “Cyberpunk 2077” de 2020, desenvolvido pela CD Projekt Red e passou a ser uma animação no Studio Trigger do Japão sob a supervisão da mesma CD Projekt e com a direção de Hiromi Wakabayashi. Nesse caso também se trata de um personagem adolescente, David Martinez que, a partir de uma de suas sinopses, vive:

Em uma distopia dominada por corrupção, crime e **implantes cibernéticos**, um garoto de rua impulsivo mas talentoso chamado David [Martinez] perde tudo o que tem em um tiroteio. Depois disso, ele faz a escolha de sobreviver do lado errado da lei como um “mercenário”; um agente fora da lei [que vai sendo] capacitado [, adquirindo **novos poderes**, a partir de vários “cyber” implantes] com **alta tecnologia** do mercado negro também conhecido como “cyberpunk”. O [...] adolescente hispânico [David Martinez] é um dos melhores alunos da prestigiada Academia Arasaka. Por ter nascido em uma família pobre, ele é constantemente intimidado por seus [, em geral muito ricos,] colegas de classe. Uma tragédia pessoal repentina e devastadora [, a morte trágica de sua mãe,] o leva a abandonar sua educação e o coloca no caminho de se tornar um mercenário[, um fora da lei]. (Grifo nosso)⁵

⁴ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Turbo_Teen e https://pt.wikipedia.org/wiki/Ruby-Spears_Productions. Consultados em 26/08/2024 17:00.

⁵ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Cyberpunk:_Edgerunners. Consultado em 26/08/2024 17:00.

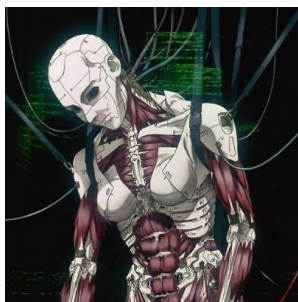
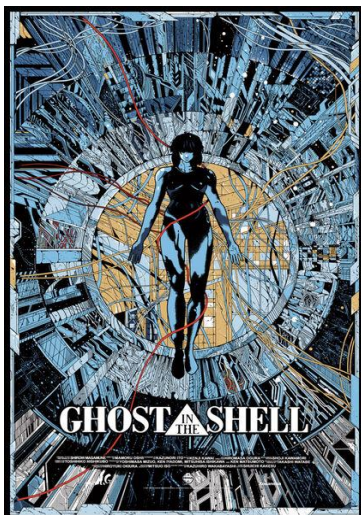
Em seus quase 40 anos de diferença podemos, em primeiro lugar, lembrar que os telespectadores que viram Turbo-man consideraram, com razão e pra falar pouco, “bizarra” as várias vezes que Brett Matthews, ou apenas TT, se transformava em seu carro vermelho turbo, espécie de carrosomem. Seja como for, se colocássemos como intermediário, dentre muitas outras possíveis, a série Mega Man



(1994-5)⁶ também dos estúdios Ruby Spears mas com a colaboração da empresa japonesa Copcom (1979), antes fabricante de séries multimilionárias de jogos como “Monster Hunter”⁷; o que veríamos acontecer é a crescente influência que empresas de jogos em grande parte orientais e com braços de pesquisa em robótica vão imprimindo no universo da animação especialmente quando os enredos que propõem envolvem a transformação ou homologia máquinas eletrônicas ou robôs em quase humanos ou humanos em quase robôs ou máquinas eletrônicas e podíamos eleger o Turbo-teen, dentre uma infinidade de outros, como espécie de bizarrice limite de tal homologia-transformação: carrosomem.

⁶ Cf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mega_Man_\(s%C3%A9rie_animada\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mega_Man_(s%C3%A9rie_animada)), onde temos: “Mega Man é uma série de desenho animado estadunidense-japonesa coproduzida entre Capcom e Ruby-Spears, e baseada na série clássica de jogos homônimos lançada para NES. A história mostra os diversos confrontos de Mega Man, Rush e Roll contra Dr. Wily e Proto Man que frequentemente busca dominar o mundo usando seus robôs e também destruir Mega Man e Dr. Light. A série foi a adaptação mais fiel aos jogos desde a última aparição nada promissora dos personagens em Capitão N: O Mestre dos Jogos. O desenho animado também contou com uma participação especial do Mega Man X no último episódio. Acabou em 1995 com apenas duas temporadas por falta de orçamento para uma terceira. Originalmente estreou no dia 11 de setembro de 1994 simultaneamente em vários canais ao redor do mundo. No Brasil, a série estreou no dia 5 de maio de 1996 pelo SBT, quando era exibida simultaneamente entre as manhãs de domingo e o “Sábado Animado”, sendo neste último onde permaneceu no ar liderando a audiência por alguns anos. Também foi apresentado no “Bom Dia e Cia” entre 2000 e 2001, apresentado na época por Jackeline Petkovic”. De forma resumida, a história, contada no primeiro episódio, é a seguinte: “No passado Dr. Light e Dr. Wily foram dois brilhantes cientistas especializados na área da robótica. Juntos eles construíram um protótipo de um super-robô, porém o mesmo acabou” dando defeito. “Dr. Wily com sua ambição e inveja de Light acabou roubando o protótipo do robô e o reconstruiu para ser seu fiel servo Proto Man para ajudá-lo em sua dominação mundial. Enquanto isso Dr. Light cria dois novos robôs chamados Rock e Roll, juntamente com outros três robôs poderosos: Cut Man, Guts Man e Ice Man. No entanto na noite seguinte Dr. Wily e Proto Man invadem o laboratório de Light e sequestram Rock e Roll juntamente dos outros três robôs que foram reprogramados para servirem a Wily, porém Rock consegue escapar juntamente de Roll. Desde então Rock foi reconstruído para se tornar o herói Mega Man para impedir os planos do Dr. Wily de dominar o mundo”. Consultado em 26/08/2024 17:00.

⁷ Que em 2021 também virou um filme teuto-chino-nipo-estadunidense roteirizado e dirigido por Paul. W. S. Anderson e estrelado por, dentre outros, Milla Jovovich, Tony Jaa e Ron Perlman. Cf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Monster_Hunter_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monster_Hunter_(filme)), consultado em 26/08/2024 17:00.



Uma outra animação que vai, talvez, bem mais fundo e longe no desenvolvimento de tal homologia-transformação é a famosa “Ghost in the shell” (O Fantasma do Futuro ou a Vigilante do Futuro) de 1995⁸; um

longa-metragem de animação japonês dirigido por Mamoru Oshii – famoso inclusive pela criação de narrativas bastante filosóficas – e que teve origem em um mangá, outra influência fundamental nesse gênero, de mesmo nome de Masamune Shirow (Masanori Ota). Aqui também a ambiência, como acontecerá mais de 25 anos depois em “Cyberpunk”, já é um universo onde a tecnologia ou cibernética atingiu um grau altíssimo de interferência quanto à “mecanização-eletrônico-computacional-cibernética” da vida humana, onde a maioria dos seres humanos já vivem com ou graças a implantes cibernéticos, e onde é necessário uma polícia especializada no combate a hackers criminosos ou ao próprio crime cibernético, no caso, ao ciberterrorismo, na animação encabeçada principalmente pela jovem Major Motoko Kusanagi, uma “capa ciborgue” que recebeu um implante de cérebro humano ou um cérebro humano que recebeu uma “capa ciborgue”.

Na versão cinematográfica estadunidense de 2017 desse filme cyberpunk de ação e ficção científica, baseado no mesmo mangá de Masamune Shirow, a força tarefa seção 9, comandada pela bela capa ciborgue Major Motoko Kusanagi, terá de enfrentar um inimigo que em muito ultrapassa os perigos representados pelo personagem, especialista em inteligência artificial, Dr. Will Caster, até certo ponto semelhante àquele, e que fora simplesmente desligado-desplugado por sua esposa Dra.



[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ghost_in_the_Shell_\(2017\)#::~:~:text=Ghost%20in%20the%20Shell%20\(bra,Jamie%20Moss%2C%20baseado%20no%20mang%C3%A1:](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ghost_in_the_Shell_(2017)#::~:~:text=Ghost%20in%20the%20Shell%20(bra,Jamie%20Moss%2C%20baseado%20no%20mang%C3%A1:) “Ghost in the Shell (Brasil: A Vigilante do Amanhã: Ghost in the Shell; Portugal: Ghost in the Shell - Agente do Futuro, ou Ghost in the Shell: Agente do Futuro) é um filme [cyberpunk](#) de [ação](#) e [ficção científica estadunidense](#) de 2017, dirigido por [Rupert Sanders](#) e escrito por Jonathan Herman e Jamie Moss, baseado no mangá homônimo de [Masamune Shirow](#). O filme conta com atuações de [Scarlett Johansson](#), [Pilou Asbæk](#), [Michael Pitt](#), [Takeshi Kitano](#) e [Juliette Binoche](#). Major (interpretada por Scarlett Johansson), uma [ciborgue](#) comandante de campo especializada no combate contra o [ciberterrorismo](#) e sua força tarefa, a Seção 9, são especializados em frustrar os planos de cibercriminosos e hackers. Porém, agora, eles devem enfrentar um novo inimigo ainda mais mortal, rápido e inteligente, que não vai parar até conseguir sabotar toda a tecnologia de [inteligência artificial](#) da Hanka Robotic”. Consultado em 26/08/2024 17:00.

Evelyn, no filme britânico estadunidense **Transcendence** (“Transcendence - A Revolução” ou “Transcendence - A nova inteligência”) de 2014 dirigido pelo diretor de fotografia Wally Pfister⁹; importa destacar que diferente da Major Motoko Kusanagi e seu meio inimigo o Mestre dos Fantoches, Will Caster adentra na rede perdendo sua distância com a realidade exterior a partir da muito mais utópica transferência de consciência que aumenta em muito sua inteligência, consciência conservada a partir do registro de mapeamento de sua atividade cerebral.



Aqui chegamos a um outro limite dos temas tratados até o momento e gostaríamos de lembrar ainda a animação longa metragem de 2020 “Carbono alterado: nova capa”¹⁰, como ficou conhecida no Brasil, de 2020 e que foi precedida pela série para televisão que passou a ser exibida pela mesma Netflix em fevereiro de 2018, e que foi criada por Laeta Kalogridis a partir do romance de Richard K. Morgan de 2002 (título do romance: **Altered Carbon**). Uma das sinopses da série para tv afirmava:

A série ocorre [, ou seja, é ambientada] em 364 anos no futuro, no ano de 2384 [, portanto, 260 anos depois de nós], em uma São Francisco futurista conhecida como Bay City. No futuro, **as memórias de uma pessoa podem ser decantadas em um dispositivo em forma de disco chamado de pilha cortical, que é implantada nas vértebras na parte de trás do pescoço.** Esses **dispositivos de armazenamento são de design alienígena** e foram submetidos a **engenharia reversa** e produzidos em massa. Os corpos físicos humanos ou sintéticos são chamados de “capas” e as pilhas [corticais] podem ser transferidas para novos corpos após a morte, mas uma pessoa ainda pode ser morta se sua pilha for destruída. Enquanto isso [não ocorre] teoricamente significa que qualquer um pode viver para sempre, apenas os mais ricos, conhecidos como “Matusas” em referência a Matusalém, têm os meios para fazê-lo através de clones e **armazenamento remoto de suas consciências** em satélites. Takeshi Kovacs (Joel Kinnaman / Will Yun Lee / Byron Mann), um agente político com habilidades mercenárias, é o único soldado sobrevivente dos Emissários, um grupo rebelde derrotado em uma revolta contra a nova ordem mundial. 250 anos depois de os Emissários serem destruídos, o

⁹ Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Transcendence>: “Dr. Will Caster (Johnny Depp) é um pesquisador de inteligência artificial que se esforça para criar uma máquina que possui sensibilidade e inteligência coletiva. As suas experiências controversas tornaram-no famoso mas também no principal alvo de extremistas contra a tecnologia. Sendo assim, sofreu uma tentativa de assassinato que quase o matou. Então sua esposa Evelyn (Rebecca Hall) e seu amigo Max Waters (Paul Bettany) aplicam a experiência que transfere sua consciência para a máquina. Agora Caster tenta convencer sua esposa a conectá-lo na internet para tornar-se poderoso. Ao perceber a catástrofe que isso pode ocasionar, cabe a Evelyn tomar decisão [que será a de desconectá-lo]”. Consultado em 26/08/2024 17:00.

¹⁰ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Altered_Carbon: “*Altered Carbon* é uma série de televisão de ficção científica criada por Laeta Kalogridis baseada no Romance de 2002 de mesmo nome de Richard K. Morgan. A primeira temporada é composta por dez episódios que estrearam em 2 de fevereiro de 2018 na Netflix. Em 27 de julho de 2018, a série foi renovada para uma segunda temporada, com Anthony Mackie assumindo o papel principal. Em agosto de 2020, a série foi cancelada após duas temporadas”. Consultado em 26/08/2024 17:00.

seu stack [ou espécie de clone] é retirado da prisão pelo Matusa Laurens Bancroft ([James Purefoy](#)), de 300 anos [ambos teriam, pois, nascido na nossa época], um dos homens mais ricos dos **mundos estabelecidos**. Bancroft lhe dá a escolha de resolver um assassinato - o do próprio Bancroft - para ter [, terem ambos na verdade,] uma nova chance de vida¹¹. (grifo nosso).



A animação e série é uma espécie de “The Skeleton Key” ou “A chave mestra”, como ficou conhecido no Brasil, referência ao filme estadunidense de 2005 com direção de Lain Softley, só que agora cyberpunk; ou seja, a “encarnação”, “em-corporação” ou “capeamento” capaz de

manter a vida quase que indefinidamente agora ficaria por conta, não mais de magia vudu de negros talvez da América Central, mas da já costumeira tecnologia alienígena, o novo-velho e bom *Deus ex maquina* que graças à engenharia reversa alienígena permite realizar, dentre outras coisas, a mais que incrível transferência de consciência¹². Exemplos evidentes e apenas rearranjados de reconhecimento do falso ou impossível dos desconhecidos conhecidos? Mas, afinal, diante dos atuais avanços tecnológicos tão explorados nesse tipo de literatura quem duvidaria que tudo isso é possível e o impossível desconhecido conhecido é que vai se tornar verdadeiro?

De todo modo, neste último caso, a bizarrice aqui ficaria por conta da criação em série de corpos, como hardwares, aptos a receberem posteriormente uma consciência, como softwares, e da suposição da existência futura de um



¹¹ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Altered_Carbon. Consultado em 26/08/2024 17:00.

¹² Cf. <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-52315/> e https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Skeleton_Key: “The Skeleton Key (*Brasil*: A Chave Mestra; *Portugal*: A Chave) é um [filme estadunidense](#) de 2005, dos gêneros [drama](#) e [suspense](#), dirigido por [Iain Softley](#), com roteiro de [Ehren Kruger](#)”. Nele a personagem “Caroline Ellis (Kate Hudson) é uma jovem que acompanha doentes terminais, com o objetivo de juntar dinheiro para poder cursar a escola de enfermagem. Em um de seus trabalhos ela aceita acompanhar um senhor inválido, Ben Devereaux (John Hurt), que mora com sua esposa Violet (Gena Rowlands) [numa grande casa] em um terreno isolado na cidade de Nova Orleans. O local é famoso pela quantidade de cerimônias místicas lá realizadas, mas Caroline não acredita nestas crendices. Ben sofreu um derrame recentemente, que o deixou praticamente paralisado e mudo. Para que Caroline possa percorrer a casa à vontade, Violet lhe entrega uma chave mestra que abre todas as portas. Porém em suas andanças ela encontra uma porta escondida, localizada atrás de uma estante e no fundo do sótão. Caroline abre a porta com a chave mestra e lá encontra várias antiguidades, espelhos que foram retirados de todos os demais cômodos e ainda artefatos aparentemente ligados à prática de algum tipo de magia [vudu].” Consultados em 26/08/2024 17:00.

vasto mercado que giraria em torno da dificuldade de se manter “re-encarnando”, ou seja, recebendo novas capas, também uma espécie de versão cibernética das indulgências da Idade Média, que agora seriam policiadas ou comercializadas, não mais por integrantes da igreja, mas em parte por soldados Emissários vindos do passado e mantidos vivos por clonagem e reencarnação.

II parte - Ou como diria Zizek: algo de novo está, de fato, emergindo aqui

One doesn't have to follow the conjectures of Ray Kurzweil or the New Age fantasies like the last scene of Kubrick's 2001 to see that something new is effectively emerging here. It is impossible for us to predict its exact shape, but one thing is clear: we will no longer be singular mortal and sexed subjects. We will lose our singularity (and with it our subjectivity) as well as our distance towards "external" reality.

Zizek¹³

Claro que com respeito aos temas que constituem os enredos de tais ficções, de toda essa nova “literatura”, poderíamos passar uma vida e muito mais falando de mangás, romances, jogos, animações, filmes, séries, novelas etc. etc. etc. E, já ao modo da nossa época, frente às extraordinárias descobertas traduzidas pelas NBICs¹⁴, ou seja, pela Nanotecnologia, Biotecnologia, Informática e Ciências Cognitivas, às quais gostaríamos de somar Robótica e Games, que muitas vezes de fato sustentam aqueles enredos, talvez pudéssemos e devêssemos perguntar: O que pensar, diante de tão velozmente descobertas e imaginadas, de tais aparentemente tão realizáveis novas possibilidades? Ora, mas não é justamente essa a principal atribuição da Filosofia, dissipar o apenas aparente ainda que no olho do furacão? Quais seriam, de fato, os dentes dessa roda dentada que gira em tão alta



velocidade? De todo o modo, sem apelos moralistas desesperados em contrário à tecnologia, que já há muito tempo chegou nas nossas vidas, mas também sem apostar demais nas profecias auto realizáveis dos que também desesperadamente defendem a

¹³ 2020 [Sex and Failed Absolute Events. Londres: Bloomsbury], p. 156. Cf. tradução mais a frente no próprio texto.

¹⁴ Cf. ALEXANDRE e BESNIER, 2022 [Os robôs fazem amor? O transumanismo em doze lições], p. 18.

Poiesis - Revista de Filosofia

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis>

Montes Claros, v. 30, n. 1, 2025

ISSN: 2448-3095

tecnologia, começaríamos admitindo muito otimistamente, e o faremos lembrando o filósofo esloveno Slavoj Žižek, que:

Não é necessário seguir as conjecturas de Ray[mond] Kurzweil [(1948 -) nosso guru da nova era]¹⁵ ou as fantasias New Age como a última cena de 2001 [*uma odisseia no espaço*]¹⁶ e uma infinidade de novas literaturas, acrescentaríamos: talvez também não seja preciso voltar ao Projeto Manhattan ou reconstituir o evento *The cerebral Inhibition Meeting* (Encontro sobre Inibição Cerebral) de 1942 ou mesmo as Conferências Macy ocorridas entre 1946-1953] para ver que algo de novo [de fato] está surgindo [ou emergindo] aqui. Não podemos prever a sua forma exata, mas uma coisa é clara: já não seremos [1] sujeitos singulares[, não seremos] [2] mortais[, não seremos] [3] sexuados. Perderemos [1.1] nossa singularidade (e, com ela, a nossa subjetividade), bem como [perderemos (4.0)] o nosso distanciamento em relação à realidade “exterior”. (2020 [**Sexo e absoluto falhado**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70], p. 180)

No final das contas, ao menos para Žižek, por baixo inclusive de toda a bizarrice daquela nova literatura é possível ter, basta pensar no Mestre dos Fantoches ou mesmo no Turbo-man, clareza



quanto a que “já não seremos sujeitos singulares, mortais e sexuados e nem poderemos manter nosso distanciamento em relação à realidade exterior”. Tentemos, pois, dar um passo atrás e reconstituir ainda que minimamente como entender a chegada a esse ponto. Diminuamos a velocidade da roda dentada, do olho do furacão... Algo de novo e que não é apenas bizarrice está, de fato, surgindo aqui? Qual novo e qual aqui?

¹⁵ Vale a pena assistir o vídeo “O homem transcendente”, disponível com legendas em português em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLOv92K2jQI>.

¹⁶ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/2001:_A_Space_Odyssey: “2001: A Space Odyssey (*Brasil*: 2001: Uma Odisseia no Espaço ou 2001 - Uma Odisseia no Espaço; *Portugal*: 2001: Odisseia no Espaço ou 2001 - Odisseia no Espaço) é um [filme de ficção científica](#) de 1968 produzido e dirigido por [Stanley Kubrick](#), co-escrito por Kubrick e [Arthur C. Clarke](#) baseado parcialmente no conto [The Sentinel](#) do próprio Clarke. Um [romance de mesmo nome](#), escrito concomitantemente com o roteiro, foi publicado logo após o lançamento do filme. Entre os temas presentes no filme estão a [evolução humana](#), o [existencialismo](#), a [tecnologia](#), a [inteligência artificial](#) e a [vida extraterrestre](#). [Esteticamente](#), o filme é lembrado pelo seu realismo científico, pioneirismo em [efeitos especiais](#), imagens ambíguas, próximas ao [surrealismo](#). A [sonoplastia](#) foge das técnicas narrativas, com poucos diálogos e cenas longas com música, entre as quais destacam-se as [músicas clássicas](#), compostas por nomes como [Richard Strauss](#), [Johann Strauss II](#), [Aram Khachaturian](#) e [György Ligeti](#). O filme é memorável por sua trilha sonora, resultado da associação feita por Kubrick entre o movimento de satélites e os dançarinos de valsas, o que o levou a usar a valsa [Danúbio Azul](#), de [Johann Strauss II](#), e o famoso poema sinfônico de [Richard Strauss](#), [Also sprach Zarathustra](#), para mostrar a [evolução filosófica do Homem](#), teorizada no trabalho de [Friedrich Nietzsche](#) de [mesmo nome](#). Apesar de ter sido recebido inicialmente de forma mista, 2001: A Space Odyssey é atualmente considerado um dos melhores e mais influentes filmes já feitos. Foi indicado a quatro [Oscars](#) nas categorias de [Melhor Diretor](#), [Melhor Roteiro Original](#) (o filme foi indicado na categoria de roteiro original, apesar de ser adaptado do conto de Arthur C. Clarke), [Melhor Direção de Arte](#) e [Melhores Efeitos Visuais](#), ganhando nesta última. Em 1991, foi considerado “culturalmente, historicamente ou esteticamente significativa” pela [Biblioteca do Congresso](#) dos Estados Unidos para ser preservado no [National Film Registry](#)”. (Grifo nosso). Consultado em 26/08/2024 17:00.

Evidentemente, a emergência de tal novo não foi somente sentida ou tematizada nos mangás, romances, nas animações, filmes, séries etc., o “**Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**” de 1985, praticamente do mesmo ano de Turbo-teen, em português no Brasil em 2009 e com cerca de 80 páginas, escrito pela feminista pós-moderna estadunidense Donna J. Haraway é uma prova disso; nesse sentido o livro do francês Thierry Hoquet **Filosofia Ciborgue: pensar contra os dualismos** de 2011, no Brasil 2019 e com cerca de 370 páginas, também marca o enfrentamento filosófico direto da perspectiva que deu origem ao **Manifesto Ciborgue**; perspectiva centrada principalmente na questão que talvez deixemos de ser sujeitos não apenas sexuados (macho e fêmea) mas nos tornemos bastante diferentes e supostamente melhores (com vários implantes) do que somos hoje. De todo modo há um livro francês bastante popular que tenta tratar das várias questões aqui envolvidas, dividindo-as em 12 principais, livro cujo de 2016 título é a questão **Os robôs fazem amor? O transhumanismo em doze questões**, que ficciona o embate entre os autores Laurent Alexandre (defensor da tecnologia e seu velocíssimo avanço) e Jean-Michel Besnier (contrário à tecnologia, defensor da ética, do humano etc.), livro publicado no Brasil em 2022 e que conta com cerca de 120 páginas. O próprio título do livro já indica a resposta quanto ao novo e a em qual aqui nos encontramos, ou seja, parece que estamos à beira já do abandono do humano, à nossa frente só restaria, inclusive como nosso próximo passo evolutivo e para melhor dizem alguns (outros para muito pior), o caminho dos que defendem o transhumanismo!

Nesse momento, nos parece que os freios que permitiriam ver aqueles dentes de nossa aceleradíssima roda dentada que representa a exponencialmente crescente criação tecnológica ou a saída do denso nevoeiro formado pós furacão por uma infinidade de distopias inclusive supostamente muito filosóficas só podem ser indicados se nós, seres humanos, fizermos novamente a pergunta principal, uma das mais antigas da filosofia e lembrada por Heidegger no final da parte introdutória de seu **Introdução à Filosofia**, associada pois ao “conhece-te a ti mesmo, isto é, conhece o que tu és e sê o que tu reconheceste” (2009, p. 12)¹⁷. Ou seja: Mas e o que mesmo significa ser humano ou pertencer à humanidade?

Do modo como encaminhamos a questão gostaríamos de sugerir o início de dois caminhos distintos para pensarmos ainda que muito introdutoriamente algum agrupamento de respostas para tantas questões, uma resposta, a quatro mãos com Nicolelis, mais em termos do que pode o cérebro humano e a tecnologia e outra, a quatro mãos com Zizek, o que

¹⁷ Como me lembrou bem o Prof. Dr. Cristiano Bonneau, a quem confiei uma leitura antecipada do presente texto, aqui talvez valesse a pena discutir a noção heideggeriana de “dispositivo”.

propriamente filosofia e psicanálise teriam a dizer quanto ao que de fato nos pertence enquanto humanos. Vejamos...

a) Nicolelis e o argumento evolucionário



O neurocientista brasileiro Miguel Angelo Laporta Nicolelis (1961)¹⁸, já por várias vezes esteve às voltas com as questões que interessariam problematizar aqui, são exemplos o seu livro **Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebro e máquinas e como ela pode mudar nossas vidas**, publicado tanto em inglês como em português em 2011; mas é no seu livro mais recente **O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano escupi o universo como nós o conhecemos** de 2020 que ele também vai, é o que nos parece, no mesmo ponto que Zizek:

Uma vez que o computador digital é, em geral, usado como o padrão de comparação [...], [...] um grupo muito grande de cientistas computacionais e neurocientistas [...], [propõem] que qualquer cérebro animal, incluindo o nosso, pode ser reduzido a um algoritmo e simulado em um computador digital. [...] Essa posição filosófica é conhecida como “computacionalismo”, termo atribuído ao filósofo Hilary Putnam (1926-1916) em **Cérebro e comportamento**, publicado em 1961 [...]. Levado ao extremo, o computacionalismo prevê não somente que todo o espectro das experiências humanas pode ser reproduzido e iniciado por uma simulação digital, como implica que, em um futuro não muito distante, dado o crescimento exponencial do poder computacional, máquinas digitais suplantariam a totalidade das capacidades mentais humanas. **Essa previsão foi defendida por Ray[mond] Kurzweil e outros, ficou conhecida como “hipótese da singularidade” [...].** (2020, p. 140-2 grifo nosso)

¹⁸Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Nicolelis: “Miguel Angelo Laporta Nicolelis (São Paulo, 7 de março de 1961) é um [médico](#) e [cientista](#) brasileiro, considerado um dos vinte maiores cientistas em sua área no começo da década passada pela revista de divulgação [Scientific American](#). Foi considerado pela [Revista Época](#) um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009. Nicolelis foi o primeiro cientista a receber no mesmo ano dois prêmios dos [Institutos Nacionais de Saúde](#) estadunidenses e o primeiro brasileiro a ter um artigo publicado na capa da revista [Science](#). Lidera um grupo de pesquisadores da área de [Neurociência](#) na [Universidade Duke](#) (Durham, Estados Unidos), no campo de fisiologia de órgãos e sistemas. Seu objetivo é integrar o [cérebro](#) humano com máquinas (neuropróteses ou interfaces cérebro-máquina). Suas pesquisas desenvolvem próteses neurais para a reabilitação de pacientes que sofrem de paralisia corporal. Nicolelis e sua equipe foram responsáveis pela descoberta de um sistema que possibilita a criação de braços robóticos controlados por meio de sinais cerebrais. Este trabalho teve recepção controversa pelos meios acadêmicos e científicos; ele é considerado pela revista: MIT Technology Review como um dos fracassos tecnológicos de 2014. Já [The Verge](#), rede norte-americana de notícias [on line](#), referência em [ciência](#), [tecnologia](#), [arte](#) e [cultura](#), premiada cinco vezes pela [International Academy of Digital Arts and Sciences](#), o descreve como um dos destaques científicos de 2014, sendo Miguel Nicolelis retratado como uma das 50 personalidades mundiais do ano. Nicolelis é ateu e também crítico às religiões”. Consultado em 26/08/2024 17:00.

O que Nicolelis faz no capítulo 6 de seu livro, cujo título assume a forma da pergunta “Por que o verdadeiro criador não é uma máquina de Turing?”, a partir do qual retiramos tal citação, é desenvolver três grupos de argumentos principais para defender que a tese dos computacionalistas, em grande medida o fundamento filosófico de muitas daquelas bizarrices, é puramente mística (Idem, p. 142). Na verdade Nicolelis retoma os três tipos de argumentos que já havia desenvolvido no livro de 2015 **O cérebro relativístico: como ele funciona e por que ele não pode ser simulado por uma máquina de Turing**, escrito em parceria com seu orientando Ronald Cicurel, ou como relembra o próprio:

Na monografia que eu e Ronald Cicurel [referência ao livro **O cérebro relativístico** de 2015] escrevemos, vários argumentos contrários à tese de que o cérebro pode ser reduzido à ações de uma máquina de Turing foram descritos e classificados em três principais categorias: [argumentos] evolucionários, matemáticos e computacionais. (NICOLELIS, 2020, p. 146).

Na verdade, ao que tudo indica, não há grandes novidades com relação aos argumentos matemáticos e computacionais, bastante conhecidos desde o que estabeleceram Kurt Gödel (1906-1978) e Alan Turing (1912-1954) e mesmo o matemático francês Henri Poincaré (1854-1912), bastando apenas aprofundar o que o primeiro dizia quanto aos limites das funções computáveis e o segundo com relação ao que poderia um computador; novidade mesmo está nos argumentos de tipo evolucionário; para resumir, diz Nicolelis:

Nosso argumento evolucionário enfatiza a diferença primordial entre um organismo e um mecanismo, como um computador digital [ou entre um carro vermelho turbo e um humano adolescente], que frequentemente é ignorada, a despeito do fato que ela representa uma questão central no debate. Mecanismos são construídos de forma inteligente, de acordo com um plano preexistente. Essa é a razão principal pela qual um mecanismo pode ser codificado por meio de um algoritmo simulado em uma máquina, e, conseqüentemente, ser alvo do processo de **engenharia reversa** [do contrário nem com tecnologia alienígena]. [...] Organismos, por outro lado, emergem como resultado de um número imenso de passos evolutivos ocorridos em múltiplos níveis de organização (desde o nível molecular até aquele que envolve todo o indivíduo). Esses passos **não seguem nenhum plano preestabelecido por um ser inteligente mas se materializam por uma série de eventos aleatórios**. (Idem, p 146, grifo nosso).

Em poucas palavras, nosso cérebro, que no máximo pode ser considerado um computador orgânico resultado de uma série de eventos aleatórios, desde todo o nosso corpo interage com o meio ambiente e, também por isso, não deve ser comparado nem a um hardware nem a um software e aquelas ficções e mesmo filosofias que partem de tal homologia não passam de futurologia ou misticismo. Nem mesmo engenharia reversa alienígena?

b) Zizek e o argumento evolucionário

O filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Zizek (1949)¹⁹, também já por várias vezes esteve às voltas com as questões que interessariam problematizar aqui, são exemplos o seu livro de 1999 **O sujeito incomodo: o centro ausente da política** (Boi tempo 2016), **Visão em paralaxe** (Boi tempo 2008, onde inclusive lembra o experimento de Nicolelis de 2003, p. 259) ou **Como ler Lacan** ambos de 2006 (Zahar 2010) e, o que mais nos interessará hoje, **Sexo e absoluto falhado** (Edições 70, 2020) de 2019, já lembrado aqui algumas vezes. Mas voltando um pouco a 2006, já na introdução de **Visão em paralaxe** Zizek estabelecia que:

A filosofia gira em torno da lacuna [que deve ser declarada irreduzível e insuperável, apontando um limite para o campo da realidade] ontológica, na lacuna entre horizonte ontológico e realidade ôntica objetiva; [1] **as ciências cognitivistas do cérebro giram em torno da lacuna entre a relação fenomenal do sujeito consigo mesmo e a realidade biofísica do cérebro**; [2] a luta política gira em torno da lacuna entre antagonismos [como o da luta de classes] propriamente ditos e realidade socioeconômica. [...] Nos três casos, o problema é como pensar essa lacuna de modo materialista, o que significa que não basta insistir simplesmente no fato de [quanto à primeira] [...] a autopercepção fenomenal não poder ser reduzida a um epifenômeno de processos cerebrais “objetivos” [...]. Deveríamos dar um passo mais e ir além desse mesmo dualismo, até a “diferença mínima” (a não coincidência do Um consigo mesmo) que o gera. (grifo nosso, p. 23)



Ou seja, tendo em vista tal apresentação e o modo como a obra será dividida, grande parte do que nos interessaria problematizar aqui e que diz respeito às muitas respostas que Zizek oferece ao cognitivismo e o que com ele se relaciona, será tratado na parte “II A paralaxe solar: a leveza insuportável de não ser ninguém”, mais especificamente no capítulo “4 – O circuito da liberdade”, onde colocará para debater Hegel, Marx, Freud, Lacan,

¹⁹ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Slavoj_%C5%BDi%C5%BEEk: “Slavoj Žižek (esloveno [...], [Liubliana, Iugoslávia, 21 de março de 1949](#)), muitas vezes grafado em [português](#) como Slavoj Zizek, é um [filósofo esloveno](#), nascido na antiga [Iugoslávia](#). Ele é professor do Instituto de Sociologia e Filosofia da Universidade de Ljubljana e diretor internacional da [Birkbeck, Universidade de Londres](#). Ele trabalha em temas como [filosofia continental](#), [teoria política](#), [estudos culturais](#), [psicanálise](#), [crítica de cinema](#), [marxismo](#), [hegelianismo](#) e [teologia](#). Em 1989, Žižek publicou seu primeiro texto em inglês, **O objeto sublime da ideologia** [The Sublime Object of Ideology, lançado em português em 2020 pela editora Record na tradução de Vera Ribeiro], no qual ele partiu da teoria marxista tradicional para desenvolver uma concepção materialista de ideologia que se baseava fortemente na psicanálise lacaniana e no idealismo hegeliano. Seu trabalho teórico inicial tornou-se cada vez mais eclético e político na década de 1990, lidando frequentemente com a análise crítica de formas díspares da cultura popular e fazendo dele uma figura popular da esquerda acadêmica. Crítico do [capitalismo](#), do [liberalismo](#) e do [politicamente correto](#), Žižek chama a si mesmo de radical político, e sua obra tem sido caracterizada como crítica da ortodoxia da direita política e do [social liberalismo](#) universitário. [...] O estilo idiossincrático de Žižek, os trabalhos acadêmicos populares, os frequentes editoriais de revistas e a assimilação crítica de alta e baixa cultura lhe renderam influência internacional, controvérsias, críticas e uma audiência substancial fora da academia. Em 2012, a [Foreign Policy](#) listou Žižek em sua lista dos Top 100 Global Thinkers, chamando-o de “filósofo celebridade”, enquanto em outros lugares ele foi apelidado de “Elvis da teoria cultural” e “filósofo mais perigoso do mundo”. O trabalho de Žižek foi narrado em um documentário de 2005 intitulado *Zizek!* Uma revista acadêmica, a **International Journal of Žižek Studies**, foi fundada para desenvolver seu trabalho”. Consultado em 26/08/2024 17:00.

Damásio e Dennett, dentre outros. De todo o modo, é cerca de 13 anos depois, em 2019, na obra **Sexo e absoluto falhado** que veremos Zizek, em uma intensificação daquela “leveza insuportável de ser ninguém”, construir muito explicitamente o que poderíamos considerar seu argumento evolucionário contra o que fundamentaria a parte apenas bizarra daquelas ficções e que agora teria muito a ver com o que defendiam alguns cognitivistas e, novamente, transcendentalistas-singularistas ou transhumanistas. No subcapítulo 6, de título “Plantas, animais, humanos, pós humanos”, que é a última parte do “Teorema II: o sexo como o nosso encontro com o absoluto”, após lembrar Kierkegaard, Lacan e Hegel, Zizek concluía que:

[...] a atividade sexual não é perturbada, atravessada por impasses e impossibilidades, apenas na cultura humana; a atividade sexual envolve um impasse desde o começo não só nos animais sexuados mas também já no reino vegetal, de maneira que cada passo na reprodução sexual tenta resolver o impasse do anterior. Por outras palavras, a humanidade não é exceção, a curva da pulsão que se afasta do equilíbrio instintivo animal. [...] Devemos dar aqui mais um passo: a realidade pré-humana é em si “excepcional [ou excepcional]”, incompleta desequilibrada, e este fosso ou incompletude ontológica emerge como tal com a humanidade [...]. Os humanos e os animais sexuados não sabem, a ambos falta uma base instintiva estável e firme da sua sexualidade; no entanto, os animais simplesmente não sabem, ou seja, não sabem que não sabem, são simplesmente desorientados, em perda, enquanto os humanos sabem que não sabem, regist[r]am o seu não saber e buscam o saber (esta busca é aquilo que constitui a sexualidade infantil). [...] O regist[r]o é precisamente inconsciente²⁰: O que distingue o animal humano não é o facto de ser consciente ou ciente de sua falta natural de conhecimento (a falta de conhecimento sexual da natureza), mas o de ser “inconsciente disso”. (2020, p. 173-75)

É a partir, pois, da sexualidade humana assim definida que virá a pergunta fundamental para a qual Lacan teria encontrado a resposta precisa, a saber: “Como é que esta existência ‘inconsciente’ está inscrita na ordem simbólica” (Idem, p. 176), ela se inscreve como excesso de gozo ou, em termos mais lacanianos, como *jouissance*. E, agora sim, podemos entender qual seria de fato o desafio atual da tecnologia, que mesmo muito confusamente faz a base de toda aquela literatura:

[...] o verdadeiro desafio da tecnologia não será que devemos repetir a passagem das plantas para os animais também ao nível simbólico, cortando as nossas raízes e

²⁰ E, como já o lembramos no início, Zizek já havia explicado que “O que ele [Donald Romsfeld] esqueceu de acrescentar foi o quarto termo essencial: ‘os sabidos não sabidos [*unknown knowns*], coisas que não sabemos que sabemos – o que é precisamente o inconsciente freudiano, o ‘saber que não se sabe’ [*knowledge that doesn’t know itself*], como Lacan costumava dizer, cujo cerne é a fantasia”. (2010 [**Como ler Lacan**], p. 67). Daí que, contra Althusser, a noção de ideologia deva ser pensada a partir desses termos: “Temos aí umas das definições possíveis do inconsciente: *a forma de pensamento cujo status ontológico não é o de pensamento*, ou seja, a forma de pensamento externa ao pensamento em si – em suma, uma Outra Cena, externa ao pensamento, através da qual a forma do pensamento já é articulada de antemão. A ordem simbólica é, precisamente, a ordem formal que complementa e/ou perturba a relação dual da realidade factual ‘externa’ com a experiência subjetiva ‘interna’ [...]. Essa, provavelmente, é a dimensão fundamental da ‘ideologia’: a ideologia não é simplesmente uma ‘falsa consciência’, uma representação ilusória da realidade; antes, é essa própria realidade que já deve ser concebida como ‘ideológica’ – ‘ideológica’ é uma realidade social cuja própria existência implica o não conhecimento de seus participantes no tocante à sua essência, ou seja, à efetividade social, cuja própria reprodução implica que os indivíduos ‘não sabem o que fazem’ [ou não sabem o que sabem]. (ZIZEK, 2024 [**O sublime objeto da ideologia**], p. 47).

aceitando o abismo da liberdade? Neste sentido preciso, podemos aceitar a fórmula de que a humanidade irá/deverá passar para a pós humanidade – **estar integrado num mundo simbólico é uma definição de ser humano**. Também neste sentido, a tecnologia é uma promessa de libertação pelo terror. O sujeito que emerge nesta e através desta experiência do terror é, no fundo, o próprio *cogito* [...]. É o sujeito verdadeiramente inumano. [...] Esta negatividade está em ação desde o início [...]. (Idem, p. 178).

Daí que, compreendido o papel da ordem ou plano simbólico, possamos concluir que “com os humanos a sexualidade natural já não é apenas biológica, mas é redobrada como um facto da ordem simbólica, o que permite sua instabilidade (um homem biológico pode ser uma mulher na sua identidade simbólica, etc.)” (Idem, p. 184). Tal incompletude, desequilíbrio e instabilidade constitutivas ou, como querem alguns, imperfeições estruturais, junto com as doenças e a morte, se associariam ao facto que “O homem é um animal fracassado, a consciência humana é, primordialmente, a consciência da limitação e da finitude” (Idem, p. 180). O que geraria muito descontentamento e sofrimento e, por isso mesmo, viveríamos na fantasia de poder superá-las; daí que, para além de sua possibilidade real, pergunta Zizek:

[...] se levamos a sério a ideia que a humanidade é uma passagem falhada para um estád[g]io superior, um progresso frustrado, e de que aquilo que vemos normalmente como sinais de grandeza ou criatividade humanas são, na verdade, reações a este fracasso fundamental [...], **poderemos imaginar um quarto estád[g]io após o real quântico, a realidade e a espiritualidade humana, o estád[g]io que seria uma humanidade que, de alguma maneira, tivesse superado o seu fracasso constitutivo, uma humanidade sem sexo nem mortalidade?** [...] O candidato [obvio] a este estád[g]io seguinte é, claro, a promessa da chamada singularidade, uma nova forma de consciência (ou mente) transindividual que emergirá da maior digitalização das nossas mentes e da biogenética. (Idem, p. 180, grifo nosso)

Eis, pois, a fantasia fundamental ou ilusão, a promessa que alimenta grande parte daquelas literaturas, que faz a base de parte daqueles “desconhecimentos conhecidos (*Unknown knowns*)”²¹ que devem ser os principais temas da filosofia. Mas, para finalizar, o que aconteceria se, mergulhando naquela promessa, eliminássemos tais imperfeições ou obstáculos, se eliminássemos tal excesso perturbador?

Algo novo emergirá, mas não será [a] a espiritualidade criativa liberta da mortalidade e [b] [a espiritualidade criativa liberta] da sexualidade – nesta passagem para o Novo, perderemos definitivamente as duas. [...] A única solução é aceitar que a natureza está hoje a mudar, e abrimo-nos aos perigos e às novas possibilidades desta mudança. (Idem, p. 183-4)

Só nos resta, pois, o abismo da liberdade!

*Porra, eu tô confuso, preciso pensar
Me dá um tempo pra eu raciocinar
Eu já não sei distinguir quem tá errado*

²¹ Cf. ZIZEK, 2017 [Acontecimento], p. 15.

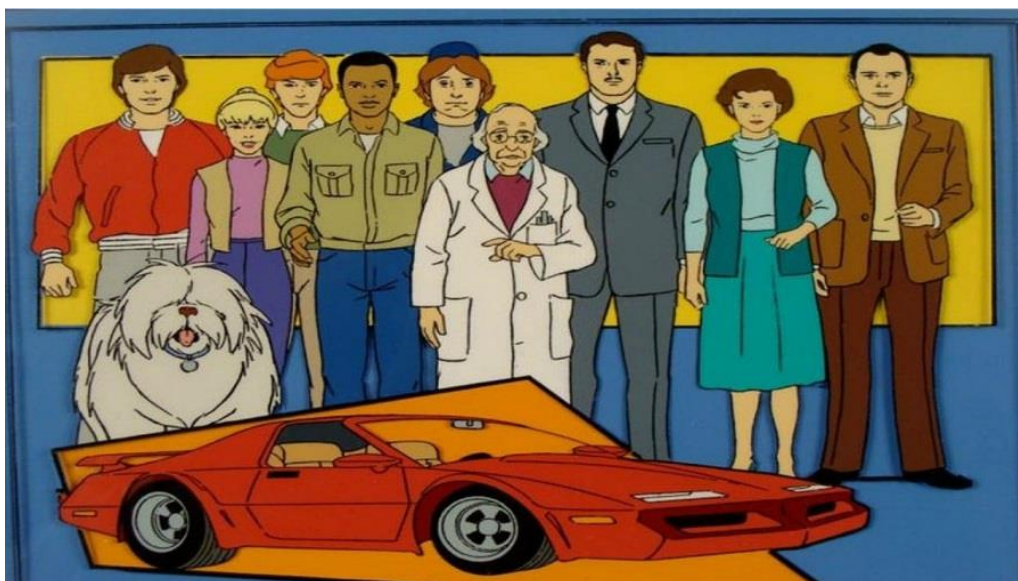
Poiesis - Revista de Filosofia

Montes Claros, v. 30, n. 1, 2025

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis>

ISSN: 2448-3095

Sei lá, minha ideologia enfraqueceu
Racionais



Referências

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NICOLELIS, Miguel A. L. **Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebro e máquinas e como ela pode mudar nossas vidas**. Trad. Gisela Lapota Nicolelis. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

NICOLELIS, Miguel A. L. **O verdadeiro criador de tudo; como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos**. São Paulo: Planeta, 2020.

NICOLELIS, Miguel A. L e CICUREL, Ronald. **O cérebro relativístico: como ele funciona e por que ele não pode ser simulado por uma máquina de Turing**. São Paulo: Kios Press, 2015.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HOQUET, Thierry. **Filosofia Ciborgue: pensar contra os dualismos**. Trad. Márcio Honório de Godoy. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ALEXANDRE, Laurent e BESNIER, Jean-Michel. **Os robôs fazem amor? O transumanismo em doze lições**. Trad. Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2022.

ZIZEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boi tempo, 2008.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Trad. Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro Zahar, 2010.

ZIZEK, Slavoj. **Events**. Londres: Penguin Book, 2014.

ZIZEK, Slavoj. **O sujeito incomodo: o centro ausente da política**. Trad. Luigi Barichello. São Paulo: Boi tempo, 2016.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro Zahar, 2017.

ZIZEK, Slavoj. **Sex and Failed Absolute Events**. Londres: Bloomsbury, 2020.

ZIZEK, Slavoj. **Sexo e absoluto falhado**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2020.

ZIZEK, Slavoj. **O sublime objeto da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.